

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XIX



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1980

ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA, FERNANDO GALHANO, BENJAMIM PEREIRA,
Tecnologia Tradicional Portuguesa. O Linho, (Etnologia-), Instituto
Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos de Etnologia,
1978, 246 págs., 121 fotografias.

Esta obra é a primeira de uma série de publicações sobre etnologia patrocinadas pelo Instituto Nacional de Investigação Científica.

Os autores dividem esta obra, fundamentalmente, em 3 capítulos: introdução, tecnologia do linho e o linho no imaginário. No primeiro capítulo, enumeram as diferentes espécies do *Linum Usitatissimum L* e traçam a sua distribuição geográfica no território português; referem que o fabrico do linho e a sua utilização têxtil é já atestada no Egipto, graças à descoberta de «tecidos e fusos encontrados nas jazidas do Neolítico por volta de 5 000 C»; referem que na mesma área há outros achados que datam do mesmo período entre 4 000 e 3 000 C e que revelam já um alto grau de perfeição e de desenvolvimento técnico no fabrico desta fibra; porém, estas citações arqueológicas não são acompanhadas de nenhuma documentação fotográfica. Por outro lado, ao historiarem a antiguidade e evolução do linho através dos tempos, não se referem a certos autores latinos, nomeadamente a Plínio o Velho que, na sua «Naturalis Historia», descreve alguns processos de cultivo, de tratamento e de fabrico das fibras têxteis, mormente do linho na antiguidade (Plínio, N. H., VIII, 196; XI, 78; XVII, 56; XVIII, 165; XIX, 16-18; XXXV, 150, 175; 183-188). Não deixam, todavia, de referir que os autores latinos como Estrabão e Plínio o (Velho) noticiam que os Iberos de Emporium (Ampúrias) e o grupo dos Zoelae fabricavam o linho na Península Ibérica. Reconhecem, ainda, sem margem para dúvidas, que o desenvolvimento e a definição da indústria linheira de cariz artesanal se deu no período romano e que a partir daí ocupou até à revolução industrial um lugar de destaque na escala dos valores económicos rurais. São dignas de registo, as numerosas referências que há em textos da Idade Média, e que os autores mencionam de modo tão completo quanto permite a documentação conhecida, sobre as espécies de tecido de linho (bragal, lenço e estopa); o seu carácter rural de consumo e comercialização nos mercados nacionais; a importação de tecidos finos de linho em concorrência com a fraca qualidade de produção nacional; a estagnação e decadência da indústria linheira artesanal.

No segundo capítulo, os autores distinguem quatro aspectos: em primeiro lugar, a planta—engloba os tipos de terreno, de adubação, a preparação da terra, a sementeira, a colheita e arrumação do linho; em segundo, a fibra — inclui as operações necessárias à limpeza, tratamento e separação das fibras do linho, com vista à sua utilização têxtil; em terceiro, o fio apresenta um conjunto de utensílios indispensáveis a fiação das fibras; em quarto, o tecido —engloba os instrumentos e acessórios necessários à sua confecção. Cada um destes aspectos é amplamente documentado por grande variedade de figuras e desenhos que representam diversas etapas dos trabalhos agrícolas e artesanal do linho. Os autores não tratam, porém, dos processos de ripagem

(assedagem) e de penteação do linho que, já na antiguidade, nomeadamente na época romana obedeciam a regras (cf. SIGFRIED J. DE LAET, EEN GALLO-ROMEINSE KAARDE VIT HOPTADEBIJ-AALST (OOSTYLAANDEREN), in *Archeologie en Histoire*, Bussum, 1973, p. 363; J. P. WILD, *Textile Manufacture in the Northern Roman Provinces*, Cambridge, 1970, p. 25, fig. 9, Ests. Ib e II). Estes processos ainda hoje são seguidos nas zonas rurais portuguesas; acrescentaremos ainda que conhecemos no nosso país dois pentes de cardar, em ferro, um proveniente de Conimbriga (cf. «Conimbriga», Vol. XVII, 1978, p. 135, Est. I, n.º 1) e outro, ainda inédito, que se encontra no Museu Arqueológico e Etnológico de Tomás Pires, em Eivas.

No n.º 3 do segundo capítulo, os autores descrevem minuciosamente as fases por que passam as fibras têxteis até à produção do fio-primeiro, o uso simples do fuso e da roca; depois o aparecimento das rodas de fiar accionadas à mão e ao pedal e, finalmente, o sarilho e a dobadoira. Estas etapas são exemplarmente documentadas com numerosos desenhos e figuras antigas e modernas. Alguns destes modelos encontram-se ainda nas nossas aldeias.

No n.º 4 do segundo capítulo são descritos os princípios mecânicos e funcionais dos teares verticais, horizontais e de grade. O seu aparecimento é largamente representado por meio de desenhos e de diagramas que ilustram claramente como se procede ao fabrico de tecidos de textura simples ou complexa, de atafaias, de cilhas, de franjas e de cordas. Porém, para o fabrico de franjas, os autores apenas citam o tear de grade e não o de tabuínhas. Hoje em dia, tal como no período romano, (cf. MARGA E HERIBERT JOLIET-VAN DEN BERG, *Entrançados* (Coleção Artesanato, n.º 19, 1976), os galões e as franjas são feitas ou a partir do tear de grade, ou de um conjunto de tabuínhas quadrangulares. Do período romano, foram recolhidas em Conimbriga quatro destas placas, sendo 3 em osso e 1 em bronze (cf. Conimbriga, Vol. XVII, p. 137-138, Est. III, 59-60; Fouilles de Conimbriga, Vol. VII, 1979, p. 53, Est. XI, 179-180).

Referiremos ainda que para além do modelo de tempereiro em ferro forjado ilustrado pelos autores (Fig. 91), conhecemos um outro, ainda inédito, de madeira e ferro proveniente de Condeixa-a-Nova, que apresentaremos num dos próximos volumes desta revista.

Este capítulo encerra com uma listagem das diversas aplicações do linho.

No terceiro capítulo, os autores historiam a importância do linho desde a Antiguidade até aos nossos dias, como factor económico-social, religioso, mágico, profilático e curativo.

O livro termina com uma bibliografia variada e abundante. Em nosso entender, faltam aquelas duas obras, todavia essenciais para o estudo desta matéria a que já nos referimos (cf. LAET, 1973 e WILD, 1970).

SALETE DA PONTE